MÉTODO IDEOGRÁFICO: UMA METODOLOGIA DE TRABALHO PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

Ivo Dickmann¹

<https://orcid.org/0000-0002-6293-8382>

Ivanio Dickmann²

<https://orcid.org/0000-0001-5292-3235>

Resumo: O presente artigo apresenta uma metodologia de trabalho na Educação popular criada pelos autores chamada de Método Ideográfico. Baseado na experiência dos autores e com referencial teórico freiriano, o método está dividido em três partes: o quadrado doxológico, o triângulo epistemológico e o círculo metodológico. A intencionalidade é problematizar o conhecimento da experiência (doxa) e avançar para um saber mais elaborado (episteme), tendo o diálogo como metodologia problematizadora. Conclui-se que o Método Ideográfico é uma ferramenta para problematizar as situações-limite das classes populares na construção de alternativas de inéditos viáveis em vista da transformação da realidade oprimida.

Palavras-chave: Método. Educação Popular. Transformação.

IDEOGRAPHIC METHOD: A METHODOLOGY OF WORK FOR POPULAR EDUCATION

Abstract: This article presents a working methodology in popular education created by the authors called the Ideographic Method. Based on the authors' experience and with a Freirian theoretical framework, the method is divided into three parts: the doxological square, the epistemological triangle and the methodological circle. Intentionality is to problematize the knowledge of experience (doxa) and advance towards a more elaborated knowledge (episteme), with dialogue as a problematizing methodology. It is concluded that the Ideographic Method is a tool to problematize the limit-situations of the popular classes in the construction of alternatives in view of the transformation of the oppressed reality.

Keywords: Method. Popular Education. Transformation.

PRIMEIRAS PALAVRAS

O que vamos apresentar neste texto é um novo jeito de trabalhar em grupo que começa com uma situação-limite e termina na construção de ações concretas de superação do problema. Na verdade, o nosso interesse primeiro é contribuir na problematização do contexto social através da Educação Popular numa perspectiva nova, num jeito diferente.

¹ Ivo Dickmann é Doutor e Mestre em Educação (UFPR) e graduado em Filosofia (IFIBE). Professor Titular do Mestrado em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, em Chapecó-SC. E-mail: educador.ivo@unochapeco.edu.br

² Ivanio Dickmann é doutorando em Educação pela Universidade de Caxias do Sul - UCS em Caxias do Sul-RS e Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. É graduado em História pela Unifai-SP. E-mail: ivanio.dialogar@gmail.com

Ao pensarmos sobre um jeito diferente de fazer educação – especialmente a problematização de conteúdos em trabalhos de grupo – fizemos uma pequena síntese de muitas outras maneiras diferentes que já foram usadas em momentos pedagógicos dos mais diversos. O que vamos expor aqui se trata, portanto, de uma amálgama teórica e prática para auxiliar os educadores e as educadoras na sua práxis pedagógica.

Acreditamos ser um método, pois se refere a um caminho que começa no conhecimento do senso comum e chega a episteme. Ou, de outra maneira, é uma caminhada que sai da opinião e alcança a ciência. Obviamente, que essa pretensão é um tanto ousada, mas, ao mesmo tempo, a ousadia é parte inseparável do novo.

E como o caminho se faz caminhando, de mãos dadas vamos juntos por essa estrada!

1. FUNDAMENTOS DO MÉTODO

Antes de expor o método em si é importante conhecer o que nos levou a criá-lo e como o pensamos em sua estrutura interna. O que estamos chamando de fundamento nada mais é do que a base em que viemos construindo e sustentando a Educação Popular que fazemos, a saber, *o diálogo*³.

Essa herança freiriana nos é indelével. Entendemos o diálogo como o encontro das pessoas para a pronúncia do mundo, sua problematização e construção de alternativas reais de mudança (FREIRE, 1982, p. 43). Esse método é, portanto, um jeito de pensar a realidade e projetar ações concretas para mudá-la. Ele é uma práxis transformadora.

É impossível conceber o Método Ideográfico desconectado do diálogo, tanto em torno da situação-limite – a que serve de meio de problematização – tanto entre os sujeitos envolvidos. Por isso, esse método só será utilizado por quem tem compromisso com a mudança e acredita na educação como fator de transformação social, cultural, econômica, ambiental, etc.

³ Segundo Freire, o diálogo é uma exigência existencial dos seres humanos (FREIRE, 2003, p. 79). E, como exigência, demanda ação-reflexão (práxis). O diálogo permite que os envolvidos se estabeleçam como sujeitos do processo formativo, não havendo prescrição nem sobreposição de uns sobre os outros. O diálogo aproxima o educador dos educandos e aproxima os educandos dos conteúdos da sua realidade. É pelo diálogo também que se estabelece a ação cognitiva sobre a realidade *junto com os outros*. “O diálogo como método pedagógico da Educação para a libertação é, na doutrina de Freire, o único capaz de combater o dogmatismo da sociedade opressora [...], pois colocando o diálogo como método para a realização de sua pedagogia libertadora, Paulo Freire mostra o grande valor da palavra: palavra transformadora” (SIMÕES JORGE, 1979, p. 12).

Para elucidar mais ainda, é preciso que se diga que ele não é uma dinâmica de grupo para depois refletir sobre o que foi feito, mas é um momento de intercâmbio de idéias e ações tendo como problema central uma situação concreta da vida dos sujeitos. É um momento de ação e reflexão, de *praxis*.

E, ainda, é fundamental expor que há por detrás do Método Ideográfico uma concepção de teoria do conhecimento em três fases: i) fase da reprodução; ii) fase da problematização; iii) fase da construção. Desse modo, esses três momentos se constituem como um caminho de superação do senso comum e de construção de novos conhecimentos (da doxa a episteme)⁴.

2. CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO

Mesmo que se perceba com facilidade tempos diferentes em sua execução, podemos dizer que uma das características que ele porta é de inter-relacionar os seus momentos distintos sem perder a sua continuidade, ou seja, em sua concepção pensamos as partes conectadas como numa engrenagem, há um mútuo pôr-se em movimento.

E, como as características do todo estão contidas nas partes, o Método Ideográfico se constitui num todo articulado onde cada momento é uma abertura para o seguimento do outro. A versatilidade está na raiz do método. Assim, coerente com o que se propõe, é possível dialogar em torno de questões mais imediatas como um conteúdo do cotidiano, como também, utilizá-lo para problematizar temas que vem ao encontro de uma comunidade inteira.

Para que isso se proceda da melhor forma é fundamental o papel de uma pessoa que o conduza, já que todo processo é condicionado e interessado⁵. Essa pessoa é o educador ou a educadora que assumirá para si a função de se preparar bem para a condução do diálogo⁶.

⁴ Essa concepção de teoria de conhecimento está implícita em todos os trabalhos de Educação Popular que executamos e mesmo sem ainda não elaborarmos e escrevermos sobre ele, nós o temos como referência. Nessa concepção a primeira fase que chamamos de reprodução é onde o educando se depara com idéias novas, que são parte do seu contexto, e as reproduz em suas ações cotidianas; a fase da produção é onde o educando toma as idéias da primeira fase e as utiliza em seu processo de conscientização fazendo comparações, simulações e aproximações; e na terceira fase, a da construção, é o momento de superação da ingenuidade e, munido dos conhecimentos adquiridos nas duas fases anteriores, o educando supera a alienação e vai construindo coletivamente a liberdade pela apropriação do seu mundo.

⁵ Nossa afirmação desse condicionamento está fundamentada na percepção que há uma autonomia relativa dos processos, isso porque sempre há por trás um ser humano o conduzindo. Esse ser humano concreto tem razões, motivações, sensações, ideologias, que o

Em cada momento do Método Ideográfico são utilizadas figuras que facilitam o trabalho e otimizam o debate. Essas figuras foram escolhidas por se encaixar em cada momento e por vir de encontro ao quefazer de cada etapa. É óbvio que, dependendo da realidade e da dinâmica impressa em sua execução, pode-se com bastante liberdade, trocá-las por outras que melhor se adéquem.

3. FASES DO MÉTODO

O Método Ideográfico é composto, basicamente, por três partes que se interpenetram e se engendram dialeticamente⁷. A contradição entre os temas da realidade é o seu principal componente. Aliás, foi exatamente essa a motivação para a sua criação: aproximar conceitos que aparentemente se anulam, mas que pelo diálogo em torno deles, são percebidos em relação de interdependência, mesmo que em permanente tensão⁸.

A primeira fase do método é o **quadrado doxológico**. Composto por um quadrado dividido em quatro partes maiores e uma menor central, permite que se faça, de forma rápida, uma apropriação mínima por todos os participantes do tema que se problematiza. É o momento dos participantes atuarem com, praticamente, nenhuma intervenção.

move e que tensiona a sua prática. Portanto, todo processo é conduzido a partir de interesses pessoais, mesmo que bem intencionado.

⁶ Uma das principais responsabilidades de quem conduz diálogos com o Método Ideográfico é o domínio maior possível da situação concreta sobre a qual se dialoga. Essa preparação se faz, de modo geral, pela leitura, tendo em vista que o trabalho poderá se realizar sobre uma diversidade de temas que, nem sempre, a pessoa é familiar ou nunca vivenciou.

⁷ Dialética é uma concepção filosófica segundo a qual o mundo se encontra em constante mudança. A contradição é a base da dialética. Em resumo, a dialética é um método de reflexão e de concepção de mundo. Nela, pressupõe-se que há três momentos tensionados entre si: a tese, a antítese e a síntese. A aplicação da dialética na educação implica uma análise objetiva, mas crítica da realidade, com o objetivo não apenas de conhecê-la, mas também de transformá-la. Ela deve evidenciar as contradições internas em cada fenômeno da realidade. “A dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a coisa em si e sistematicamente se pergunta como é possível chegar a compreensão da realidade” (KOSIK, 2002, p. 20). Uma bela síntese aparece também no diálogo entre Paulo Freire e Frei Betto (2000, p. 77): “Na metodologia dialética, o ponto de partida não é o saber do educador, mas sim a prática social dos educandos. É essa prática que se constitui como eixo em torno do qual gira o processo educativo. Antes de se elaborarem conceitos, é preciso extrair dos educandos os elementos de sua prática social: que são, o que fazem, o que sabem, o que vivem, o que querem, que desafios enfrentam. Aqui o conceito aparece como ferramenta que ajuda a aprofundar o conhecimento do real e não a fazer dele uma mera abstração”.

⁸ Só para ilustrar sobre o que nos referimos, são exemplos disso, entre outras, situações como: família-escola, educador-educando, pai-filho, teoria-prática, velho-novo. Ou com apenas um tema, tensionando questões positivas e negativas, entre o real e o ideal.

A segunda fase do método é o **triângulo epistemológico**. Tem num triângulo dividido em três partes maiores e um menor central a figura de apoio. O ponto de partida é a síntese que o coordenador do processo faz do primeiro momento. A preparação do coordenador é decisiva nessa etapa, é o momento dele dentro do método.

A terceira fase do método é o **círculo metodológico**. Como se fossem duas setas em torno de um círculo menor central a figura permite pensar, no mínimo, duas ações concretas para auxiliar a resolver o problema que se dialogou. É o momento do coletivo, de atuarem juntos todos os participantes e o coordenador.

4. QUADRADO DOXOLÓGICO

O nome do quadrado doxológico vem do grego e significa, grosso modo, opinião. É o quadrado das opiniões. É o conhecimento que se adquire no cotidiano e é considerado inferior em relação ao conhecimento científico e se distingue deste pela falta de rigorosidade. São os aprendizados da aparência, da simples experiência feita sem se preocupar com os seus fundamentos.

Por isso, no Método Ideográfico, iniciamos com as mais simples impressões sobre o tema que depois vamos aprofundar. Esse momento é o lugar do senso comum. Muitas vezes é o momento que afloram os preconceitos e os conceitos irreflexivos, as falas desarticuladas, as falsas impressões, os desvirtuamentos.

Ao mesmo tempo, é tudo isso que permitirá perceber mais tarde as possibilidades de mudança, mostrará o quanto podemos avançar sobre o assunto. Mostra também o quanto estamos equivocados sobre algumas coisas que acontecem, elucidam os nossos erros metodológicos, nossa falta de clareza sobre o tema, o quanto agimos por instinto, sem pensar mais sobre o problema.

Mesmo trabalhando com meras opiniões, esse momento é importante, pois o senso comum também tem um caráter pedagógico no momento em que ajuda na tomada de consciência e na percepção dos limites e avanços pessoais.

Para que se possa coletar a imensidão de opiniões sobre qualquer tema, nesse momento se utiliza um posicionamento dos participantes divididos em dois grupos em que um expressa suas opiniões em relação ao tema em discussão e o outro anota os dados⁹. Depois o que anotava expõe enquan-

⁹ Essa técnica é conhecida como G.V.G.O. (Grupo de Verbalização e Grupo de Observação) ou Roda Viva. A escolha de intercalar as falas foi proposital, pois isso permite que um

to o primeiro anota. Faz-se esse movimento de falar e escutar, interno e externo, por duas vezes para preencher os quatro quadrados da figura. No quadrado menor central se escreve o tema do diálogo.

Um dado fundamental nessa etapa é que os participantes são instigados a falar sobre pontos positivos e negativos sobre a situação-limite a que estão apegados. Isso permite chegarmos a, no mínimo, duas impressões positivas e duas negativas sobre o assunto, o que é muito produtivo na outra etapa do processo.

Ao coordenador cabe, além de cronometrar o tempo de cada fala e sinalizar aos participantes que está no momento de girar e trocar de par, instigar para que todos os participantes falem de forma imediata, sem pensar, como uma “chuva de idéias”. E também é importante que se faça previamente algumas indicações de leitura ou de filmes sobre o assunto para que seja mais rica a partilha de idéias.

5. TRIÂNGULO EPISTEMOLÓGICO

Epistemologia pode ser entendida como uma reflexão sobre o conhecimento. É por isso que chamamos com esse nome o nosso triângulo, pois nessa etapa do processo faz-se uma retomada sobre tudo o que apareceu no momento anterior.

Essa etapa começa com uma ampla exposição de todas as idéias que surgiram num momento de plenário. O ideal nesse instante é anotar tudo num quadro ou num papelógrafo para que fiquem visíveis as informações. Todos devem citar suas anotações para que não se perca no caminho algumas idéias-chave que estão contidas no primeiro diálogo.

Depois disso se faz o descarte. Passa-se para a fase de selecionar o que apareceu e “afunilar”, convergindo para as idéias que tem mais sentido. As outras idéias que apareceram vão, no diálogo, sendo percebidas e destacadas como sem fundamento e, portanto, inúteis para o avanço em relação ao tema discutido.

Daí, então, é possível qualificar o diálogo, tornando-o mais sincero e aberto sobre a situação-limite. No plenário se dilui dúvidas, se reconstrói conceitos, desestabilizamos preconceitos, enfim, é o momento da dialética da tensão existente.

número maior de participantes fale, enriquecendo ainda mais o diálogo. E, ainda, há uma riqueza de dados registrados nas figuras que podem ser recolhidos e sintetizados pelos coordenadores num momento posterior ao trabalho feito (DICKMANN; DICKMANN, 2017, p. 49-51).

O esforço do coordenador do diálogo é conseguir fazer as sínteses provisórias enquanto os participantes expõem as suas idéias. Ele pode ir agrupando as idéias por semelhança ou já ir eliminando as que de imediato o grupo considere absurda. Seu papel fundamental é de conciliar os pontos positivos e negativos, entre o ideal e o real, entre as defesas e as acusações de cada tema.

Ao longo da exposição irão ficar evidentes três idéias fundamentais que estão intrínsecas ao Método Ideográfico: i) dicotomia; ii) continuidade; iii) construção.

- i) Essa percepção acontece no momento da intervenção do coordenador do diálogo. É ele que irá mostrar ao grupo que as impressões iniciais entendem a situação proposta como individuais, separadas, como uma dicotomia. Mais do que isso, entendem a primeira *versus* a segunda. Essa oposição precisa ser superada.
- ii) O avanço dessa etapa é a compreensão da situação concreta em debate como uma dualidade, uma continuidade, um complemento, uma relação necessária e real. Uma figura que ilustra bem para entendermos melhor é como se os temas fossem as duas pontas de uma corda, mesmo distantes uma em cada extremo, são partes de uma mesma peça.
- iii) A terceira parte do triângulo se completa com uma pergunta que abre a porta para o último momento do Método Ideográfico: entre o positivo e o negativo, entre o real e o ideal, qual a síntese que podemos construir? É o momento de maior re-significação e reinterpretação conceitual.

6. CÍRCULO METODOLÓGICO

No círculo metodológico iremos buscar pelo menos duas ações concretas em torno do problema que estava sendo dialogado para que se comece a perceber que é possível, a partir de atitudes simples do cotidiano, construir uma nova perspectiva.

Agora é a fase da proposição de ações que estão ligadas diretamente a realidade em que o problema está situado. É um momento participativo, com atividades articuladas com os mais diversos sujeitos, adequadas as demandas, que agreguem o maior número possível de agentes sociais.

Além disso, é importante que se apontem também as ferramentas e os instrumentos necessários para a efetiva concretização das ações pensadas. É salutar definir cronograma de ação, coordenadores e responsáveis, locais e

orçamentos. E, ainda, não esquecer de reafirmar o nível de participação de cada sujeito no processo, ou seja, o compromisso de todos com a mudança.

Esse terceiro passo é o momento de pensar a ação e de praticar o pensamento crítico. É o momento da práxis propriamente dita. No itinerário que fizemos desde as opiniões até o reconhecimento de que o positivo e o negativo, o real e o ideal estão em permanente tensão, pois a realidade é sempre contraditória, o círculo metodológico nos ajudará projetar ações que se efetivarão nas tarefas cotidianas, contribuindo de forma decisiva para a mudança que se espera. Pode-se dinamizar esse momento de pensar as ações instigando a imaginar mudanças de atitude coletivas e pessoais, internas e externas ao ambiente que o público está inserido.

7. PROBLEMATIZAÇÃO DO MÉTODO

Uma das principais contribuições do Método Ideográfico para o trabalho com situações-limite é a versatilidade de trabalhar com qualquer tema, tanto os que se tensionam como os que demandam reflexões em separado. Nos temas em tensão se faz o diálogo como já demonstramos anteriormente e com os outros se pode dinamizar o método com outras questões.

E como o resultado ideal não “cai do céu”, mas é fruto das ações concretas dos sujeitos também concretos, a mudança de verdade depende de cada pessoa envolvida no contexto que está sendo problematizado. Essa afirmação deve ser dita e reforçada várias vezes pelo coordenador do processo, pois está implícita nela uma concepção de mundo como reflexo das ações dos homens e mulheres nele. Além disso, o educador e a educadora nunca são neutros no processo educativo, o ser humano é político em sua essência e, por isso, todo processo educativo tem um caráter político e diretivo¹⁰.

Uma síntese entre o real (o que temos) e o ideal (o que queremos) é, muitas vezes, uma armadilha que caímos facilmente. O que nós precisamos é a ousadia de tomar o ideal como necessário e, portanto, exequível. O ideal se torna, assim, passível de realização, o ideal se torna, efetivamente, real.

Outro aspecto que não podemos deixar de rebuscar é que todo processo é composto de pessoas e essas pessoas trazem uma carga existencial mui-

¹⁰ O tema da impossibilidade da neutralidade e da diretividade dos processos educativos aparece várias vezes na obra de Paulo Freire com afirmações como: “Por isso mesmo que toda neutralidade proclamada é sempre uma postura escondida” (2006, p. 115). “Não percebiam, porém, que, ao negarem a mim a condição de educador, por ser demasiado político, eram tão políticos quanto eu. Certamente, contudo, numa posição contrária a minha. Neutros é que nem eram nem poderiam ser” (2005, p. 09). “A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre em si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade” (2001, p. 37).

to diversa e adversa. Isso dificulta o andamento do diálogo nos primeiros contatos, mas pode se tornar uma riqueza no momento em que a diversidade começa a ser partilhada. A diferença é o melhor combustível para os processos dialógicos. Por isso, é válida a afirmação: em grupo nunca somos melhores, nem piores, mas diferentes.

O Método Ideográfico foi idealizado para trabalhar situações-limites com grupos em processos de Educação Popular e necessita em torno de uma hora para a sua execução¹¹. Porém, a sua adequação a outros momentos e espaços pedagógicos é muito oportuna. É possível utilizá-lo em sala de aula, em reuniões de planejamento, em avaliações, entre outros.

Ele foi pensado e sintetizado para reunir um conjunto de técnicas e dinâmicas que são utilizadas na Educação Popular e incorporou uma teoria do conhecimento, por isso é tão dinâmico, acessível e versátil.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

O método é uma das partes do processo social de problematização da realidade e, portanto, não é ele quem soluciona o problema sozinho. É necessário que o conjunto de fatores que estão envolvidos se ponha em movimento de forma articulada, sincronizada. O Método Ideográfico pode auxiliar ajustando essa sintonia, pois ele age como um modo de conscientização dos sujeitos que participam.

O Método Ideográfico é um jeito de fazer Educação Popular ou, dito de outra forma, pelo Método Ideográfico se faz Educação Popular¹². Isso implica saber que não é um método para reproduzir situações sociais opressoras, mas, fundamentalmente, para transformar, pensar mudanças reais, reconstruir a realidade. Deste modo, constitui-se um desvirtuamento do método utilizá-lo para outros fins se não os que vêm ao encontro da causa dos oprimidos.

O Método Ideográfico é uma ferramenta em favor dos oprimidos para compreender a realidade, descortiná-la, desvelá-la. Ele tem o interesse de

¹¹ Essa questão do tempo e do número de pessoas no grupo é bastante relativa, pois é difícil mensurar o tempo que será utilizado para trabalhar os mais diversos temas que envolvem uma escola, uma cooperativa ou uma comunidade inteira, etc. Além do mais, cabe ao coordenador do processo ir cronometrando e adequando as partes do método ao tempo que se tem para o trabalho. O certo é que não há situação concreta que não possa ser problematizada pelo Método Ideográfico, independente do número de sujeitos envolvidos.

¹² A Educação Popular tem três dimensões: “a **instrumental**, que visa capacitar o educando para a atuação concreta e específica na sociedade; a **ideológica**, que transmite um conjunto de idéias e práticas sobre a dinâmica social e a **técnico-científica**, que transmite e produz conhecimentos de forma mais aprofundada” (LOPES, 1996, p. 19-20).

ajudar as pessoas a dar um salto qualitativo: deixar de lado as opiniões e compreensões superficiais e construir uma consciência crítica do mundo e um olhar amplo da sociedade.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei; FREIRE, Paulo. **Uma escola chamada vida**. São Paulo: Ática. 2000.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. **Dinâmicas pedagógicas: criatividade e criticidade**. São Paulo: Dialogar, 2017.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Política e educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Ação cultural e para a liberdade e outros escritos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOPES, Paulo R. C. Notas sobre Educação Popular. In.: CEPIS. **Reflexões sobre a Educação Popular: desafios atuais**. São Paulo, 1996.

SIMÕES JORGE, J. **Sem ódio nem violência: a perspectiva da libertação segundo Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979. (Coleção Paulo Freire, 4)

Recebido em: 27/07/2021

Aprovado em: 25/02/2021

Publicado em: 18/03/2021